

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

**LETRAMENTO INFORMACIONAL DA PESSOA IDOSA: DIRETRIZES PARA A
IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

Victor Rodrigues de Carvalho

Orientador: Prof. Dra. Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Brasília

2023

Victor Rodrigues de Carvalho

**LETRAMENTO INFORMACIONAL DA PESSOA IDOSA: DIRETRIZES PARA A
IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: LETRAMENTO INFORMACIONAL DA PESSOA IDOSA: DIRETRIZES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Autor(a): Victor Rodrigues de Carvalho

Monografia apresentada em **14 de fevereiro de 2023** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Membro Interno (FS/UnB): Dra. Ana Valéria Machado Mendonça
Membro Externo: Dra. Simone Bastos Vieira



Documento assinado eletronicamente por **Elmira Luzia Melo Soares Simeao, Membro do Colegiado do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação**, em 23/02/2023, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Valeria Machado Mendonca, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciências da Saúde**, em 23/02/2023, às 10:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Simone Bastos Vieira, Usuário Externo**, em 23/02/2023, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **9368562** e o código CRC **D45A8A04**.

CC3311 Carvalho, Victor Rodrigues de
Letramento Informacional da pessoa idosa: diretrizes
para a implementação de projetos em unidades de informação /
Victor Rodrigues de Carvalho; orientador Elmira Luzia Melo
Soares Simeão. -- Brasília, 2023.
56 p.

Monografia (Graduação - Biblioteconomia) -- Universidade
de Brasília, 2023.

1. Letramento Informacional. 2. Competência em
Informação. 3. Idoso. 4. Unidade de Informação. I. Simeão,
Elmira Luzia Melo Soares, orient. II. Título.

RESUMO

Em um contexto de crescente acesso à informações e serviços disponibilizados em ambientes digitais atrelado à existência de uma população idosa que teve contato tardio com as tecnologias da informação e comunicação, assim como o iminente crescimento da porcentagem deste público no país nos próximos anos e suas necessidades de informações existe a preocupação de saber em que caminho se encontram os estudos e ações que englobam esse grupo específico. Acredita-se que uma possível solução para sanar as dificuldades que os não nativos digitais apresentam são os projetos de letramento informacional em unidades de informação. Por isso, esse trabalho tem como objetivo geral propor diretrizes básicas para a implementação desse tipo de programa. Para chegar neste objetivo, primeiramente, levantou-se os conceitos e aspectos históricos dos termos letramento informacional e competência em informação (e suas variações: competência crítica em informação e competência informacional). Segundamente, buscou-se mapear, através da literatura e posteriormente, por meio de pesquisa com questionário eletrônico, ações de letramento informacional no idoso. Com base no que foi levantado, constatou-se uma quantidade considerável de pontos a serem considerados na construção de um programa de letramento informacional no público idoso.

Palavras-chave: Letramento Informacional. Competência em Informação. Idoso. Unidade de Informação.

ABSTRACT

In a context of increasing access to information and services available in digital environments, linked to the existence of an elderly population that has had late contact with information and communication technologies, as well as the imminent rise in the percentage of this public in the country in the coming years and their needs of information, there is a concern to know what path the studies and actions that encompass this specific group are on. It is believed that a possible solution to remedy the difficulties that digital non-natives have is information literacy projects in information units. Therefore, this work has the general objective of proposing basic guidelines for the implementation of this type of program. To reach this goal, first, the concepts and historical aspects of the terms information literacy and its portuguese variations terms were raised. Secondly, it was sought to map, through the literature and later, through research with an electronic questionnaire, information literacy actions in the elderly. Based on what was surveyed, a considerable number of points were found to be taken into consideration in the construction of an information literacy program for the elderly public.

Key-words: Information Literacy. Elderly. Information Units.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1 - Bibliotecas respondentes.....	41
Gráfico 1 - Existência de projetos/programas de letramento informacional para o idoso.....	43
Tabela 2 - Nome dos projetos de letramento informacional para o idoso.....	43
Gráfico 2 - Profissional responsável pelo projeto.....	45
Tabela 3 - Atividades desenvolvidas nos projetos.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASL	American Association of School Libraries
ACRL	Association of College and Research Libraries
AECT	Association for Educational Communications and Technology
ALA	American Library Association
ANZIL	Instituto para o Letramento Informacional da Austrália e Nova Zelândia
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
CGI	Comitê Gestor da Internet no Brasil
ColInfo	Competência em Informação
EnIL	Rede Europeia de Letramento Informacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
ILS	Information Literacy Section
LISA	Library and Information Science Abstracts
LISTA	Library, Information Science and Technology Abstracts
NIC.br	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UnB	Universidade de Brasília
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 JUSTIFICATIVA	12
3 OBJETIVOS	12
3.1 Objetivo geral.....	12
3.2 Objetivos específicos.....	12
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	12
4.1 Letramento Informacional	13
4.1.2 Letramento Digital.....	24
4.2 Competência Informacional, Competência em Informação e Competência Crítica em Informação.....	26
4.3 Ações de Letramento Informacional no idoso	32
5 METODOLOGIA.....	39
5.1 Tipo e técnica de pesquisa	39
5.2 Unidade de análise.....	40
5.3 Instrumento de pesquisa.....	40
6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	41
7 DIRETRIZES PARA PROJETOS DE LETRAMENTO INFORMACIONAL NA PESSOA IDOSA EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO	48
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO: AÇÕES INTEGRATIVAS EM INFORMAÇÃO NAS BIBLIOTECAS COM O PÚBLICO IDOSO.....	58

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas (ONU) afirmam que não há uma faixa etária específica para classificar um indivíduo como 'idoso'. Tais organizações deixam a cargo de cada país definir, de acordo com seus contextos sociais e culturais, qual a faixa etária adequada (DE LUCCA; VIANA; VITORINO, 2019).

No Brasil, o Estatuto do Idoso (2003) define como idosa a pessoa de idade igual ou acima dos 60 anos. Essa parcela da população é crescente: nos últimos cinco anos, ocorreu um aumento de 18%, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD, 2017), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em estimativa realizada pelo mesmo instituto, em 2021, cerca de 10,15% da população brasileira era considerada idosa. Além disso, dentre os 10 milhões de novos usuários de internet entre os anos de 2016 a 2017, 2,3 milhões são pessoas acima dos 60 anos de idade (PNAD, 2017).

Levando em conta os dados apresentados pelo IBGE atrelado ao fato de que a população idosa não nasceu e sequer cresceu tendo contato direto com as tecnologias da informação, existe uma preocupação em capacitar através do letramento informacional esses usuários da informação no intuito de garantir integridade física e intelectual do idoso, o bem estar pessoal e da sociedade como um todo, uma vez que quanto mais bem informada, mais livre e democrática se torna uma nação.

A preocupação quanto às necessidades de informação do idoso é, em especial, dos profissionais da informação por possuírem conhecimentos teóricos e práticos sobre como lidar de forma efetiva com a informação independentemente do meio em que ela se encontra e devem ser os protagonistas nas ações de letramento informacional.

O presente trabalho se propõe a apresentar uma revisão de literatura que contém aspectos históricos e conceituais do letramento informacional e sinônimos (competência em informação/competência crítica em informação/competência informacional) e relatos da aplicabilidade deste na população idosa.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa acerca das ações de competência em informação para o público idoso realizada nas bibliotecas públicas das capitais

brasileiras, por meio de questionário online enviado via e-mail. Com os dados coletados, deseja-se propor diretrizes para o letramento informacional de idosos.

2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pela preocupação do acesso e uso da informação pela população idosa. Como exposto anteriormente, é uma parcela crescente e que progressivamente se insere nos ambientes digitais, que por sua vez estão saturados de informações – algumas das quais foram produzidas com o intuito de causar danos morais – que podem soar complexas e confusas para um público que, na sua maioria, possui dificuldades para lidar com as tecnologias da informação.

As buscas bibliográficas expõem o baixo número de produção acadêmica voltada para a temática tratada, mostrando-se necessário o desenvolvimento de mais pesquisas que façam a relação entre o letramento informacional com a população da terceira idade.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Propor diretrizes para o letramento informacional a ser aplicado na população idosa nas unidades de informação.

3.2 Objetivos específicos

- Abordar os conceitos sobre letramento informacional e competência em informação;
- Levantar os projetos já existentes em bibliotecas públicas das capitais brasileiras voltados para o letramento do idoso, identificando se o profissional responsável pelo projeto é bibliotecário e as atividades realizadas;
- Propor diretrizes para projetos de letramento informacional para o idoso.

4 REVISÃO DE LITERATURA

A presente revisão de literatura tem como objetivo tratar de aspectos históricos e conceituais que subsidiaram a análise de dados e conclusão deste estudo.

Foram realizadas buscas nas principais bases de Ciência de Informação, - Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI); Library and Information Science Abstracts (LISA); Library, Information Science and Technology Abstracts (LISTA) - na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e nos repositórios institucionais das seguintes universidades: Universidade de Brasília (UnB), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal de Minas Gerais e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

O processo de busca foi dividido em três etapas utilizando termos diferentes, mas que tratam de uma mesma temática. A primeira com a utilização dos termos “letramento informacional”. Observou-se a atuação de destaque de Gasque (2008, 2010, 2013, 2016, 2017) na produção constante de conteúdos acerca do tema. Na segunda etapa, a busca foi feita pelos termos “competência em informação” ou “competência crítica informacional” ou “competência informacional”. Observando o destaque das autoras Vitorino (2009, 2011, 2012, 2015, 2018, 2019) e Piantola (2009, 2011) que se trata sobre “competência informacional”. Na terceira, utilizou-se do termo “alfabetização informacional” e nenhum resultado relevante foi encontrado.

Também foi realizado um levantamento que teve como foco o público-alvo deste estudo. Utilizou-se dos termos “idoso” e “informação” em um primeiro momento, em seguida, “idoso” e “letramento informacional”, seguido de “idoso” e “competência informacional” e ainda, “idoso” e “inclusão digital” na tentativa de encontrar relatos de projetos sociais com tal finalidade. Vitorino (2009, 2011, 2012, 2015, 2016, 2018, 2019) e Luce e Estabel (2019, 2020) foram os autores que mais contribuíram para os temas.

4.1 Letramento Informacional

A expressão *information literacy* surgiu em 1974 nos Estados Unidos, primeiramente utilizada pelo bibliotecário Zurkowski ao apresentar o relatório *The information service environment relationships and priorities*. O profissional reivindicava um movimento nacional em prol do acesso à informação através do letramento informacional (DUDZIAK, 2003). O autor recomendava a necessidade de conscientizar os sujeitos para a importância de se adquirir competências

informacionais, em especial no que tange o uso de fontes digitais. (AZEVEDO; GASQUE, 2017, p. 169)

Segundo Campello (2003), o surgimento se deu na década de 1960, com a Associação Americana de Bibliotecas Escolares (AASL) que lançou diretrizes para os bibliotecários afirmando que estes profissionais também possuem o papel pedagógico de ensinar habilidades para o uso efetivo da informação levando em conta dois principais aspectos: a educação dos usuários em relação ao uso das bibliotecas e a necessidade de que esse ensino fosse feito de acordo com as disciplinas do currículo escolar.

Em 1976, o termo foi visto sob outra perspectiva. Os autores americanos Hamelink e Owens associaram o termo com questões voltadas à cidadania e emancipação política, sendo que cidadãos competentes no uso da informação possuiriam melhores condições de tomar decisões em âmbito de sua responsabilidade social (CAMPELLO, 2003; DUDZIAK, 2003).

Dudziak (2003) aponta que na década de 1980 a concepção da *information literacy* estava voltada para a ideia de capacitação em tecnologia da informação, dando ao movimento uma ênfase instrumental, mesmo que com a ausência de programas educacionais estruturados para tal, mas popularizado entre os ambientes profissionais.

No entanto, as primeiras iniciativas só ocorreram em 1989 através da publicação do documento *Information Literacy Competency Standards for Higher Education pela Association of College and Research Libraries (ACRL)* publicou padrões para o ensino superior que definiu os elementos componentes do letramento informacional, o papel educacional das bibliotecas acadêmicas e a importância de programas de capacitação aos estudantes. (GASQUE, 2008, 2016)

De acordo com Gasque (2008), sequentemente, em 1990 fundou-se o *National Forum on Information Literacy* com membros que iam desde instituições de educação até instituições de negócios e organizações governamentais que buscavam conscientizar sobre as atividades de orientação para a aquisição de competências.

Ainda segundo a autora, no ano de 1998 a *American Association of School Librarians* (AASL) juntamente com a *Association For Educational Communications and Technology* (AECT) publicaram o *Information Standards for Student Learning*, documento que detalhava competências e indicadores que deveriam ser desenvolvidos pelos estudantes ainda na educação básica.

Observou-se nos principais padrões criados pelas associações de bibliotecas e institutos de informação que os conteúdos de letramento informacional abordam três componentes básicos: acesso, avaliação e uso da informação (GASQUE, 2017).

Dudziak (2003) expõe que na década de 1990 os profissionais estavam conscientes da necessidade de possibilitar acesso rápido e fácil à informação e por isso recorrem ao letramento informacional com o objetivo de tornar os usuários da informação independentes.

Em outros aspectos históricos, o desenvolvimento do letramento informacional também está vinculado ao desenvolvimento social do pós-guerra, que trouxe grandes contribuições em aspectos científicos, políticos e econômicos e ficou conhecido como o fenômeno da explosão informacional. A dificuldade de administrar e recuperar as informações em meio a tanto volume despertou preocupações dos profissionais da área de informação nos Estados Unidos na década de 1950, o que contribuiu para que os profissionais deste país assumissem liderança no desenvolvimento do letramento informacional. (GASQUE, FIALHO 2017)

No Brasil, o termo *information literacy* foi mencionado pela primeira vez por Caregnato (2000, p.50 apud CAMPELLO, 2003) sendo sua tradução “alfabetização informacional”. O autor propunha a expansão do conceito de educação de usuários e destacava a necessidade de bibliotecas universitárias se prepararem para oferecer novas opções de desenvolvimento aos alunos habilidades para interagir no ambiente digital.

Dudziak (2003), por sua vez, foi precursora na discussão da *information literacy* para além dos aspectos tecnológicos e trouxe novas possibilidades de tradução ao termo, como por exemplo: alfabetização informacional, letramento informacional, literacia informacional, fluência informacional e competência informacional.

Gasque (2010) também aponta a existência dos diferentes termos para a tradução de *information literacy* - competência informacional, alfabetização informacional, letramento informacional, habilidade informacional, entre outros – mas, apesar de estarem relacionados entre si, não devem ser empregados como sinônimos por representarem ideias distintas.

Segundo Campello (2003) os autores brasileiros que trataram da *information literacy* têm em comum o fato de terem percebido a necessidade de ser o momento de se ampliar a função pedagógica da biblioteca e repensar o papel do bibliotecário. De encontro com essa ideia, Dudziak (2003, p.34) afirma que é o momento de buscar “trabalho cooperativo para o desenvolvimento de novas abordagens relativas à filosofia e às práticas educacionais ligadas à *information literacy*”.

Vitorino e Piantola (2009) afirmam que o termo *information literacy* é alvo de intensas discussões, já que se entende literacy como um nível básico de aquisição de habilidades, mais especificamente, de leitura e escrita. As autoras também apontam que no Brasil, o termo começou a ser utilizado a partir de 2000 com algumas variações de tradução para a língua portuguesa: competência em informação (ColInfo), letramento informacional e alfabetização em informação.

Levando em consideração os estudos anteriores aos seus, Gasque (2010, p.83-84) afirma que no Brasil, ainda não há consenso acerca da tradução do termo e se utilizam diversas expressões que, no entanto, se referem à mesma ideia. Porém, não devem ser vistos como sinônimos, pois representam ações, eventos e ideias distintas:

A despeito de reconhecer que os termos ‘competências’, ‘habilidades’, ‘letramento’, ‘literacia’ e ‘alfabetização’ pertencem a categorias de ideias similares, precisam ser bem definidos para que reflitam com exatidão determinada ação, evento ou processo. Ao analisá-los, constata-se uma relação mais estreita entre ‘literacia’, ‘letramento’ e ‘alfabetização’, assim como ‘competência’ e ‘habilidades’ estão vinculadas mais diretamente.

A autora alerta que essa descentralização terminológica demonstra a “natureza emergente do tema”, conseqüentemente sinalizando a necessidade de estudos mais profundos na área a fim de atingir uma terminologia consensual. O

mais próximo, no português, seria, de fato, o termo 'letramento' utilizado por autores como Gasque (2006, 2008), Neves (2008) e Campello (2009) (GASQUE, 2010).

Por outro lado, o termo 'competência informacional' é comumente encontrado na literatura, como em obras de Campello (2002), Miranda (2004), Belluzzo (2005), Silva et al (2005), Lins e Leite (2008), Vitorino (2008), Liston e Santos (2009) e Vittrino e Piantola (2009) (GASQUE, 2010).

Gasque (2008) expõe que em território nacional, as discussões sobre esse assunto precisam ser intensificadas, em especial no que tange a educação básica, que não contempla em seu currículo o desenvolvimento de competências de busca e uso da informação. Expõe ainda, que mesmo no âmbito universitário, onde as práticas informacionais tendem a ser mais frequentes, inclusive na pós-graduação, há pouca preocupação diante do tema.

Ressalta-se que o letramento informacional é uma questão internacional, pois os países estão preocupados com a formação de cidadãos críticos e criativos. Exemplos dessa preocupação são ações como a Rede Europeia de Letramento Informacional (EnIL), que reúne vários países no intuito de incentivar iniciativas para o letramento informacional nas bibliotecas universitárias do continente e também o Instituto para o Letramento Informacional da Austrália e Nova Zelândia (ANZIIL), que publicou padrões para o desenvolvimento do letramento informacional (GASQUE; FIALHO 2017).

Do ponto de vista conceitual, a noção de letramento informacional é relativamente nova e frequentemente há a utilização de termos sem distinção conceitual que os caracterize (GASQUE, 2013).

Azevedo e Gasque (2017) afirmam que o letramento informacional seria o conjunto das seguintes competências: reconhecer a necessidade de informação e determinar a extensão dela; acessar a informação de forma efetiva; avaliar a informação de forma crítica; incorporar as novas informações ao conhecimento prévio e usá-las para atingir objetivos e solucionar problemas, e por fim, compreender os aspectos econômicos, sociais e éticos do uso da informação, fazendo o uso de forma ética e legal.

As autoras complementam que tais competências não são inatas, mas devem ser desenvolvidas e incentivadas desde a educação básica por todo o resto da vida. Com isso, ter-se-ia como resultado a formação de cidadãos letrados informacionalmente, capazes de produzir conhecimento de qualidade e participar efetivamente da sociedade uma vez que um bom desenvolvimento de recursos e estratégias cognitivas para lidar com a informação acarreta diretamente em melhores tomadas de decisão, ampliação dos modos de agir e maior desenvoltura criativa e inovadora.

Tal afirmação vai ao encontro com a proposição de John Dewey que o pensamento reflexivo talvez seja “a ferramenta mais útil que uma pessoa possa possuir [...] pois exige uma participação mais ativa em relação ao pensamento convencional, mais imaginação e criatividade” e faz parte do processo de produção de conhecimento, que ocorre na realização de buscas e uso da informação (BIGGE, 1977, p.324 apud GASQUE; CUNHA, 2010, p.140).

Segundo Gasque e Cunha (2010, p.142), o pensamento reflexivo é orientado para a solução de dúvidas ou problemas que determinarão os objetivos que orientarão o processo de pensar. A partir disso, o suporte para a solução desses problemas vem da busca de informações. Compreende-se, portanto, que o pensamento reflexivo tem como característica a ação para a investigação que objetiva uma produção de conhecimento (GASQUE; CUNHA, 2010).

O letramento informacional está associado ao desenvolvimento de aptidões necessárias para a busca e uso da informação independentemente da fonte ou do suporte. O mais importante é que o indivíduo se torne capaz de absorver o conhecimento e usá-lo em seu favor. Somado a isso, Azevedo e Gasque (2017) afirmam que o sujeito letrado informacionalmente é também apto a resolver problemas e tomar decisões por saber utilizar os vários recursos de informação de forma eficaz e eficiente.

Logo, para uma produção efetiva e sublime do conhecimento é relevante que todo esse processo de investigação tenha como alicerce as capacidades desenvolvidas através do letramento informacional: reconhecimento da necessidade, busca, seleção crítica, acesso efetivo da informação, incorporação do conhecimento e associação à conhecimentos prévios.

O documento publicado pela *American Library Association - ALA Presidential Committee on Information Literacy: Final Report* traz uma das definições mais citadas na literatura em que diz que para ser competente em informação, o indivíduo deve ser capaz de reconhecer quando necessita de uma informação e ter a habilidade de localizá-la, avaliá-la e usá-la efetivamente. O relatório acrescenta ainda que as pessoas competentes são as que aprenderam a aprender. Elas sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar informações e como outras pessoas podem aprender a partir dela (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - PRESIDENTIAL COMMITTEE ON INFORMATION LITERACY, 1989, p.1 apud DUDZIAK, 2003, p. 26).

Outras instituições como a UNESCO e a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) são bastante atuantes no fomento de programas e conferências para debater o tema, além da produção de materiais para o letramento informacional em diferentes línguas e diferentes países.

Na biblioteca digital da UNESCO, obtêm-se 838 resultados de guias e manuais para o tema. Dentre eles, destaca-se o livro *Marco de avaliação global da alfabetização midiática e informacional: disposição e competências do país* (2016) que tem como objetivo fornecer uma estrutura estratégica para gestores de políticas realizarem ações concretas que “garantam a todos os cidadãos a aquisição de competências midiáticas e informacionais”.

A *Information Literacy Section* (ILS) da IFLA, por sua vez, objetiva o desenvolvimento e promoção da alfabetização informacional a nível global em bibliotecas e unidades de informação através de uma plataforma internacional para compartilhar e aprimorar práticas de letramento informacional e trabalhar de forma colaborativa. Para isso, promove webinários, conferências anuais, planos de ações bianuais e outras publicações.

A importância do letramento informacional se dá uma vez que se vive em uma época de rápidos avanços tecnológicos acompanhado de uma enorme quantidade de propagação de informações pela internet. Segundo Gasque (2008), nesse contexto é fundamental questionamentos sobre a autenticidade, validade e confiabilidade de tais conteúdos.

Gasque (2010) acrescenta que tal processo é crucial na sociedade atual, a qual está sujeita a rápidas e profundas transformações devido à produção em larga

escala de conhecimentos científicos e tecnológicos. Nesse sentido, o letramento informacional pode ser compreendido como um processo de aprendizagem para capacitar a busca e uso da informação para a resolução de problemas, considerando o desenvolvimento progressivo das tecnologias da informação e o ambiente web (GASQUE, 2017).

Em 2009, o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama proclamou outubro como o mês da conscientização nacional do letramento informacional quando reconheceu as necessidades de desenvolvimento de competências para lidar com a grande quantidade de informação produzida e disseminada pela sociedade contemporânea (GASQUE, 2016).

Gasque e Tescarolo (2010, p. 41) definem o letramento informacional como a estruturação sistêmica de um conjunto de competências que permite integrar as ações de localizar, selecionar, acessar, organizar, usar a informação e gerar conhecimento, objeto da aprendizagem, visando a tomada de decisão e resolução de problemas.

Aguiar (2017) afirma que a estruturação do letramento informacional longo pode representar uma importante contribuição para o progresso pedagógico, pois favorece o processo de aprender a aprender e o desenvolvimento de cidadãos competentes e autônomos para buscar e usar as informações disponíveis.

É fundamental esclarecer que o letramento informacional é um processo de aprendizagem permanente, ou seja, continua durante a vida toda em todas as etapas e faixas etárias, mas que devem ser ensinados de forma gradual contanto que iniciada já na educação básica através de recursos pedagógicos a fim de favorecer o pensamento reflexivo supracitado (GASQUE; CUNHA, 2010).

A Declaração de Alexandria (2005 apud ALMEIDA, 2014, p. 131) declarou que a competência informacional e a aprendizagem ao longo da vida são indispensáveis para a sociedade da informação e são determinantes para o desenvolvimento, prosperidade e liberdade dos cidadãos.

A *American Library Association* (1989, p.1 apud Gasque; Fialho 2017, p.73) estabeleceu que as pessoas que possuem letramento informacional são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como o conhecimento é organizado, como

encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela.

Gasque (2012) afirma que o letramento informacional se refere ao processo de aprendizagem necessário para desenvolver competências para lidar com a informação. Isso exige:

- conhecimentos e competências que abrangem a delimitação do problema,
- planejamento para identificar fontes e recursos de informação a serem usados,
- acesso eficaz e eficiente da informação, assim como critérios de avaliação da informação,
- organização e aquisição do conhecimento por meio técnicas apropriadas,
- saber comunicar o conhecimento considerando aspectos legais, sociais e econômicos.

Segundo Gasque (2017) o letramento informacional proporciona a capacidade de refletir sobre o processo de busca e uso da informação, o conhecer e saber o quê, quando, como e por que as atividades de busca e uso da informação são feitas, assim como proporciona usar estratégias de intervenção.

A autora aponta que o ensino-aprendizagem do letramento informacional deve levar em consideração a conexão entre memória e aprendizagem, uma vez que as emoções podem ajudar a consolidar melhor as memórias assim como o autocontrole das emoções é uma condição importante para o aprender ao longo da vida.

Ademais, a necessidade e interesse em questões relacionadas ao contexto vivido gera a necessidade de solucionar um problema. A resolução de problemas propicia a aprendizagem do letramento informacional de maneira mais significativa e contextualizada. Isso se dá devido à autonomia, participação ativa e engajamento que estimulam várias regiões cerebrais (GASQUE, 2017).

A ideia do letramento informacional é um processo de aprendizagem, sendo uma ação contínua e prolongada, isso porque a aprendizagem se relaciona à

construção do conhecimento humano, na tentativa de resolver problemas informacionais.

Gasque (2017) aponta que através de um melhor comportamento informacional, proporcionado pelo letramento informacional, garante às pessoas qualidade de vida. O desenvolvimento de competências informacionais auxilia o cidadão a lidar melhor com a informação e, conseqüentemente, ter uma vida mais plena.

Beluzzo, Santos e Almeida Junior (2014) definem competência em informação como um conjunto de competências e habilidades que uma pessoa necessita incorporar para lidar crítica e reflexivamente com os diversos recursos informacionais existentes, como jornais, revistas, livros, internet, entre outros. Os autores, citando Beluzzo (2008), apresentam duas dimensões para a competência. A primeira diz respeito a um domínio e de saberes e habilidades e a segunda está relacionada à uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades mais concretas que emergem e caracterizam o contexto social.

Gasque (2010, p.90) também aponta duas etapas do processo de letramento informacional:

A primeira etapa do letramento informacional, denominada alfabetização informacional, refere-se à compreensão básica do código, no caso, os conceitos relacionados à informação e aos seus suportes, bem como as noções da organização desses serviços e produtos. Concomitantemente, na segunda etapa, delimitada apenas para fins didáticos, a alfabetização deve ocorrer com vista à aplicação prática desse conhecimento, o letramento propriamente dito, que se refere à capacidade de selecionar, buscar e avaliar as informações, organizá-las e usá-las eticamente para produzir novos conhecimentos. Ou seja, ao longo desse processo, os indivíduos precisarão desenvolver competências e habilidades para lidar com o universo informacional.

Beluzzo, Santos e Almeida Junior (2014) afirmam ainda que a competência em informação mostra os caminhos que devem ser trilhados no momento da busca e recuperação da informação e para que este caminho seja trilhado de forma eficaz e eficiente, a prática da avaliação deve ser hábito, já que é ela que determina aquilo que é importante ou não para a satisfação das necessidades informacionais.

De acordo com essa ideia, Almeida (2014) compreende o letramento informacional como o aprendizado necessário para lidar com a quantidade de

informação disponível nas áreas do conhecimento, inclusive políticos e sociais, e que amplia a educação dos usuários e além disso, a diferenciação entre informação científica, tecnológica e especializada de outros tipos de informação e o estabelecimento de critérios para avaliar a adequação da informação ao trabalho ou pesquisa a ser realizada.

O letramento informacional está relacionado à aprendizagem de conteúdos voltados para a busca e uso da informação assim como a identificação de uma necessidade informacional, o acesso e a avaliação, a organização e a comunicação da informação, logo, todo esse processo está consequentemente ligado à questões psicopedagógicas, neurológicas, didáticas e entre outras. (GASQUE, 2017)

Dudziak (2003, p.28-29) define *information literacy* como um processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudes e habilidades necessárias para a compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica ao longo da vida e tem como objetivo formar indivíduos que:

- saibam determinar necessidades informacionais como suporte para a tomada de decisão;
- sejam capazes de manusear fontes de informação de forma efetiva e eficaz;
- avaliem criticamente a informação;
- incorporem as informações selecionadas ao conhecimento pré-existente;
- usem e comuniquem a informação;
- gerem novas informações e novas necessidades informacionais;
- considerem aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos da informação e
- aprendam ao longo da vida.

A definição de letramento informacional vai além da soma dos conceitos letramento + informação. É muito mais complexo, pois, o processo tem como finalidade a adaptação e a socialização dos indivíduos na sociedade da aprendizagem. O indivíduo informacionalmente letrado é capaz de atuar como cidadão crítico e reflexivo, autônomo e responsável, atributos que permitem a colaboração na superação de problemas que acometem a humanidade (GASQUE, 2010)

O desenvolvimento de competências e habilidades em informação não significa moldar a pessoa para a sociedade, mas sim refletir sobre o fato de que com

o acesso a novos conhecimentos a partir da mediação da informação, existe a possibilidade de tornar-se um cidadão crítico, que reivindica direitos e exerce cidadania. (BELUZZO; SANTOS E ALMEIDA JUNIOR, 2014)

Carvalho e Souza (2012) diferenciam os alfabetizados dos letrados de forma que os primeiros são aqueles que conhecem a tecnologia do ler e do escrever. Os segundos, por sua vez, são os que detêm competências de desenvolvimento da leitura e da escrita em diferentes suportes e desenvolvem habilidades de crítica e autorreflexão durante o uso efetivo da tecnologia da escrita e nas práticas sociais.

4.1.2 Letramento Digital

No mundo atual lida-se com o constante surgimento de novas tecnologias, e conseqüentemente, com novas fontes de informação. Observa-se isso na fluidez da internet em que muitas informações podem ser obtidas e compartilhadas, tanto como um crescente número de fake news e desinformação. Tal fenômeno gera incerteza e insegurança, o que levou a Organização das Nações Unidas (ONU) a propor a promoção do letramento informacional como uma forma de emancipação das pessoas, ou seja, uma alternativa para o desenvolvimento dos sujeitos em tempos líquidos (AZEVEDO; GASQUE, 2017, p.164)

Segundo Boeres (2018) o conceito de letramento digital surgiu em 1997 com Paul Gilster ao publicar o livro *Digital literacy* em que esta é a habilidade de entender e usar informação em uma variedade de fontes digitais. Antes disso, definia-se letramento digital como a habilidade de ler e compreender itens informacionais em formatos digitais. A autora aponta ainda que para Mey (1998) o letramento é saber utilizar os recursos tecnológicos no cotidiano em benefício do próprio usuário e para Soares (2002) o conceito se refere a prática de leitura e escrita possibilitada pelo computador e pela internet.

Os denominados imigrantes digitais são pessoas, em sua grande maioria idosas, que não cresceram tendo acesso às tecnologias digitais existentes e estão constantemente tentando se adaptar e se inserir nesses contextos. Segundo Choudhury e McKinney (2013), Mellow (2005) e Prensky (2001, 2011) é relevante entender que devido à plasticidade cerebral, as pessoas jovens são biologicamente

mais aptas a aprender e dominar o uso das tecnologias agregado ao fato de já nascerem uma sociedade permeada pela tecnologia. (AZEVEDO; GASQUE, 2017, p.165)

A importância de se investigar os comportamentos informacionais e propor o letramento digital, em especial para os imigrantes digitais, é justificado pelas visíveis dificuldades que apresentam em acompanhar a velocidade em que a tecnologia evolui à medida em que suas capacidades intelectuais vão naturalmente reduzindo com o tempo.

A partir da necessidade de capacitar a sociedade como um todo a entender melhor as usabilidades, facilidades e praticidade dos aparelhos tecnológicos, é também importante que se revele a face nociva destes, como a existência de conteúdos propositalmente criados para espalhar desinformação a fim de influenciar a opinião de públicos vulneráveis. Essa indispensabilidade se justifica também uma vez que os meios digitais geram informações o tempo todo e em diversos formatos (fotos, vídeos, textos, sons) e carecem de uma determinada esperteza para determinar a utilidade ou não dessas informações, assim como a veracidade.

Para isso, o denominado “letramento digital” está vinculado às inovações tecnológicas e acompanha a constante evolução dos contextos social, tecnológico, econômico cultural e político da sociedade. Ele auxilia para que os sujeitos capacitados participem de forma ativa nos processos de apropriação e construção dos conhecimentos, assim como na construção coletiva de habilidades, competências e ações para criar novas possibilidades de representar o mundo. (AZEVEDO; GASQUE, 2017)

O letramento é um processo muito rico e diversificado dado que leva em conta as práticas sociais e culturais dos indivíduos. A diversidade de contextos permite considerar a existência de multiletramentos em que há um constante enfrentamento dos sujeitos. No entanto, mesmo que com a provável existência de distintos letramentos, mantêm-se a essência de que o letramento é o desenvolvimento de capacidades específicas para a resolução de problemas ou tomada de decisões. (AZEVEDO; GASQUE, 2017)

O letramento digital pode ser visto como mais uma vertente do letramento informacional por levar em conta novos aspectos da sociedade moderna, como a

problemática de lidar com a produção de conteúdos em larga escala proporcionados pela internet e a dificuldade de alguns cidadãos se emergirem nesse contexto:

o desenvolvimento de competências para buscar e usar criticamente a informação disponível em vários suportes e canais - impressos e eletrônicos - por exemplo, livros, jornais, revistas científicas, audiovisuais, bases de dados, bibliotecas, dentre outros [...] propõe o equilíbrio entre o uso dos recursos tradicionais e dos digitais no processo de aprendizagem. (AZEVEDO; GASQUE, 2017, p.168)

Boeres (2018) aponta que o letramento digital tende a possibilitar o desenvolvimento de competências que atualmente, em um contexto de advento da internet e virtualização de serviços, são indispensáveis para o manuseio de ferramentas de escrita e leitura dotadas de tecnologia digital. A autora ressalta que para o pleno desenvolvimento do letramento digital é imprescindível que a informação esteja organizada, acessível e que o usuário seja atualizado a ponto de saber encontrá-la e utilizá-la.

4.2 Competência Informacional, Competência em Informação e Competência Crítica em Informação

Do ponto de vista histórico, o termo “competência informacional” tem a mesma origem e significado do termo “letramento informacional”, sendo visto de fato apenas como uma tradução variante, no entanto, a leitura de alguns dos materiais encontrados nas pesquisas realizadas possibilitou interpretar diferentes ideias para os dois conceitos: o letramento informacional, apesar de levar em conta o impacto social do processo, é mais voltado para a questão da aprendizagem individual, a relação entre pessoa-informação. Por outro lado, observou-se que as pesquisas que traduziram o *information literacy* como “competência informacional”, ainda que utilizem bases conceituais e documentos internacionais em comum com o “letramento informacional”, se voltam para a relação pessoa-informação-sociedade, em que a maior vantagem de ser competente em informação não está relacionada ao uso próprio e cotidiano da informação, mas no impacto que causa na sociedade.

O termo “Competência em Informação” (CoInfo) é, segundo Leite *et al.* (2016), o mais representativo nas pesquisas na área científica da Ciência da Informação, apesar de ser um tema ainda emergente no Brasil. As autoras apontam que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO)

incorporou o termo como sendo a tradução mais adequada ao português brasileiro. Essa escolha é uma tentativa de facilitar o diálogo e pesquisas na área, assim como consolidar o vocabulário (LEITE *et al.*, 2016).

Gasque (2010, p.88) afirma que os termos não são sinônimos, mas se complementam, sendo que é a partir do letramento que o indivíduo se torna competente:

Na literatura da ciência da informação no Brasil, 'competência' é frequentemente empregada como sinônimo de letramento informacional. Todavia, competência refere-se àquilo que se deseja construir e desenvolver ao longo de um processo, no caso o de letramento informacional. Assim, propõe-se que competência seja utilizada como expressão do 'saberfazer', derivada das relações entre o conhecimento que o sujeito detém, a experiência adquirida pela prática e a reflexão sobre a ação (GASQUE, 2003). Por sua vez, habilidade é a realização de cada ação específica e necessária para alcançar determinada competência.

De encontro com essa ideia, Carvalho e Souza (2012, p.199-200) apontam que a competência informacional está relacionada ao desenvolvimento de habilidades de pensar e ler criticamente não devendo ser tida como um processo, mas como um estado ao qual se chega por meio da eficiência e efetividade no ato da leitura, no uso da informação e na busca e geração contínua de novas informações.

Vitorino e Piantola (2011, p.132) citando Ropé e Tanguy (1997) trazem que uma das características da essência da noção de competência é ser inseparável da ação em que:

[...] a competência é o conjunto de conhecimentos, qualidades, capacidades e aptidões que habilitam para a discussão, a consulta, a decisão de tudo o que concerne o trabalho, a qual supõe conhecimentos fundamentados, acompanhados das qualidades e da capacidade que permitem executar as decisões.

As autoras, citando desta vez Ward (2006), destacam que a noção de competência informacional não é estática e limitada e sim dinâmica, que cresce continuamente e incorpora cada vez mais habilidades necessárias aos indivíduos que estão inseridos na era da informação. Isso inclui as tecnologias de informação e o acesso a conteúdos informacionais em meios digitais.

Brisola e Romeiro (2018) definem a competência crítica em informação como uma habilidade a qual permite o usuário olhar criticamente para a informação e distinguir entre o que é relevante ou irrelevante, buscando fontes seguras de informação para utilizá-las e produzir novas informações.

Para Brisola, Schneider e Silva Júnior (2017) um conjunto de habilidades e atitudes são requeridas para ser competente crítico em informação: 1) domínio instrumental de dispositivos informacionais; 2) capacidade de problematizar as necessidades informacionais, em termos conceituais e pragmáticos; 3) capacidade de análise da credibilidade da fonte; 4) constante reavaliação dos critérios de credibilidade; 5) uso ético da informação; 6) conhecimento das teorias sociais críticas e das teorias críticas da informação.

Vitorino (2016, p.425) acrescenta que para ser competente em informação é preciso ter capacidades de:

- reconhecer as necessidades de informação;
- localizar e avaliar a qualidade da informação;
- armazenar e recuperar informação;
- fazer uso eficaz e ético da informação e
- aplicar a informação para criar e comunicar conhecimento.

Observa-se que a competência em informação não é engessada, mas passa por transformações constantes à medida que a sociedade também se transforma. Nesse fenômeno, é fortalecida a ideia de que o aprendizado deve ser contínuo no decorrer da vida.

O conceito e o papel social da Colnfo são mais amplos do que a reunião de habilidades para acesso e uso da informação. É também uma ferramenta essencial para a construção e manutenção de uma sociedade livre, democrática, permeada por indivíduos capazes de fazer escolhas conscientes e determinar o curso de suas vidas (VITORINO; PIANTOLA, 2009).

Trein e Vitorino (2015) também observam características sociais no conceito da competência informacional. A cidadania e responsabilidade social se faz presente quando os indivíduos são capazes de transformar a informação em conhecimento

útil na tomada de decisões, solução de problemas e, acima disso, disseminar o que foi aprendido para que outras pessoas também aprendam.

Tal visão é confirmada pelo conceito de competência informacional apontado pela Declaração de Alexandria (2005), em que ela “Auxilia-os [indivíduos] e suas instituições a enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para reverter a desvantagem e incrementar o bem-estar de todos.” (apud VITORINO; PIANTOLA, 2009, p.136).

Em contrapartida, Leite *et. al.* (2016) apontam que se faz necessário o fortalecimento de redes de divulgação para os trabalhos nessa temática para além do desenvolvimento e consolidação do tema na área científica: tratar de sua importância e dar visibilidade às ações e políticas públicas.

Paul Zurkowsky, que foi o primeiro a mencionar o termo *information literacy*, em 2014, afirmou que o público mundial precisa de capacitação para o desenvolvimento de competência em informação para responder às questões críticas da sociedade atual. Para isso, defende que os esforços em prol da competência vão além do âmbito teórico e conceitual e adentre no âmbito das práticas e das pessoas comuns (VITORINO, 2016).

A ColInfo está voltada diretamente para a função do bibliotecário, por ser o profissional que promove e ensina as técnicas de busca e acesso à informação, mas não deve se limitar a este. É interessante que ela também esteja presente no ambiente de trabalho de médicos, psicólogos, professores e demais profissionais da educação (TREIN; VITORINO, 2015).

Ainda no que tange a atuação profissional, Gama (2013) aponta que o profissional que alcança a competência informacional demonstra expertise e conhecimento prático na realização de tarefas ligadas à informação, demonstrando excelência profissional e competente entre os demais especialistas da área, mas que deve ser somada aos saberes de várias pessoas que trabalham juntas.

Vitorino e Piantola (2011), ao tratarem das dimensões da competência informacional, contextualizam que informação é um elemento que constitui a cultura de um grupo, sendo condição de permanência e instrumento de mudança. Assim, o acesso à informação é fundamental para o exercício da cidadania

democraticamente, no entanto, o acesso por si só não é suficiente para tal, mas sim a compreensão e a capacidade de interpretar a realidade e construir significados.

As autoras delimitam quatro dimensões na competência informacional que devem estar em harmonia e equilíbrio para o desenvolvimento pleno da competência. A primeira é a dimensão técnica, que está relacionada à realização de uma determinada ação, no caso, seriam as habilidades de encontrar, avaliar e utilizar apropriadamente a informação. A segunda, a dimensão estética se refere à experiência única e individualizada do sujeito lidar com a informação, expressá-la e agir sobre ela no coletivo. A dimensão ética, por sua vez, diz respeito ao indivíduo assumir postura crítica diante da informação; requer um julgamento de valor e uso responsável na realização do bem comum levando em conta fatores como direitos autorais, propriedade intelectual, preservação da memória, entre outros. A quarta e última dimensão, a política, está relacionada ao exercício da cidadania e transformação social, manutenção da democracia, ações coletivas e empenho governamental no desenvolvimento de programas de fomento à competência informacional (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

Orelo e Vitorino (2012) apontam que a competência informacional é um requisito necessário para o desenvolvimento humano na sociedade contemporânea, em que a informação é componente socioeconômico básico do corpo social capitalista. As autoras apontam que o homem é um ser social e para viver com serenidade o desenvolvimento constante de habilidades informacionais é fundamental para boa desenvoltura em contextos sociais, profissionais, culturais e pessoais.

Constata-se, em especial na dimensão estética da competência informacional, ações de cidadania pois nela:

pressupõe uma atenção especial para os elementos intrínsecos ao ser humano, por meio de experiências individuais, vividas na coletividade, que podem resultar em maior sensibilidade para com o outro e criatividade no fazer profissional. Em suma, isso significa que ao desenvolver esta dimensão da competência, as demais dimensões – técnica, ética e política – também precisam se fazer presentes, para que o indivíduo considere o eu e o outro e se volte para as questões sociais, como, por exemplo, a solidariedade. (ORELO; VITORINO, 2012, p.52)

Bezerra, Schneider e Saldanha (2019) problematizam que, com o surgimento da competência em informação em um contexto do novo regime informacional dos Estados Unidos influenciado por aspectos sociais, econômicos e políticos, o apelo ao aprendizado contínuo e o desenvolvimento constante de habilidades para lidar com a informação em seus diferentes suportes são reflexo de um sistema exploratório em que a exigência da capacidade de se reinventar para suprir demandas capitalistas inclusive estão relacionadas às causas de transtornos neuronais, como ansiedade, depressão, esgotamento, entre outros, devendo, então, repensar de forma crítica o conceito da competência informacional.

No Brasil, há uma quantidade expressiva de documentos que fornecem diretrizes e bases para a competência informacional. Esses documentos abordam pontos fundamentais que podem ser aplicados em diversos contextos sociais.

A Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação (2011) produzida no Seminário sobre Competência em Informação do XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação aponta que “é necessária a formação para o desenvolvimento da Competência em Informação” para atender demandas da cidadania.

A reflexão de número 1 do documento afirma que:

“As bibliotecas e outras instituições relacionadas com a informação estão conclamando a fomentar a melhoria dos níveis educacionais de toda a população, mediante formação para o desenvolvimento humano e profissional, atividades de promoção da leitura, para o exercício da cidadania e o aprendizado ao longo da vida.”
(DECLARAÇÃO DE MACEIÓ, 2011, p.2)

Para dar continuidade a essas diretrizes, no XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação foi lançado o Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as Populações Vulneráveis e Minorias (2013) em que se afirma a necessidade urgente de reavaliar políticas para populações em discriminação, intolerância, fragilidade em desigualdade e desvantagem na sociedade - em que pode se encaixar pessoas idosas.

O manifesto afirma ainda que a competência em informação deve ser um direito fundamental da pessoa humana, algo essencial à sua sobrevivência. Ele aponta como ações/recomendações aos profissionais a atuação junto às comunidades vulneráveis para a produção de conteúdos informacionais sobre sua

história, cultura e meio social e a elaboração de produtos e serviços que atendam as demandas dessas minorias.

A Carta de Marília (2014) complementa as ações abordadas nos documentos anteriores e buscar subsidiar a Competência em Informação nas várias instâncias: da educação, da ciência e tecnologia, do trabalho, do Estado e da sociedade civil organizada em que haja “redes de unidades de informação que desenvolvam programas de capacitação continuada e planos de formação que possam contribuir para a promoção da inclusão social no contexto brasileiro”.

4.3 Ações de Letramento Informacional no idoso

Dados do PNAD Contínua de 2021 do IBGE mostram que 31.664 pessoas que utilizaram a internet naquele ano possuíam 60 anos ou mais e representava uma porcentagem de 57,5% da população idosa do país. O estudo apontou também que 22.538 possuíam telefone móvel celular para uso pessoal.

O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI) através do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) publicou o livro TIC Domicílios: Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros (2022) que apontou que a pandemia impulsionou o aumento do uso da internet pela população, inclusive idosos, em que 30% deles realizaram serviços públicos online relacionados à saúde pública.

Em comparação ao estudo de 2019, o CGI aponta um aumento significativo na porcentagem de idosos utilizando a internet e a utilização da internet através de telefone celular. O primeiro saiu de 34% para 48% e o segundo de 39% para 54% (NIC.br, 2022).

No mesmo livro, o Comitê lista as atividades realizadas pelos usuários de internet: comunicação, busca de informações e serviços, educação e trabalho e comércio eletrônico. A terceira idade se destaca pelo uso das TICs, em especial para a realização de comunicação. Compras de produtos *online* e utilização de serviços culturais também foram listados em crescimento, apesar de que ainda sim em porcentagem baixa.

Fernandez-Ardèvol (2019) contribui com uma caracterização mais detalhada sobre o uso digital pela população idosa. A autora traz que a visão da terceira idade

unicamente entrelaçada a perspectivas médicas e assistenciais é uma forma de discriminação, sendo importante entender essa etapa como mais uma da vida e por isso há relevância em estudar os comportamentos digitais na velhice.

No que se refere ao perfil do idoso na internet, a autora aponta que:

Os dados sobre o uso de Internet no telefone celular pela população idosa no Brasil mostram que praticamente não há diferença por sexo. Confirma-se o hiato digital por idade, que se agrava entre o grupo de idosos seniores; e chama atenção também a diferença de uso por nível educacional. No segmento da população idosa jovem com ensino superior, o acesso à Internet por meio do celular supera a média do país (85% diante de 71%). Por sua vez, os idosos seniores com ensino superior se encontram abaixo da média nacional (54% diante de 71%), mas apresentam maior incidência de uso da Internet pelo celular que as pessoas menos escolarizadas da mesma faixa etária. Não se reporta nenhum uso da Internet no celular por parte da população idosa sênior analfabeta ou com educação infantil. Por fim, os números apontam que quanto mais elevada a classe socioeconômica, maior é a taxa uso da Internet no telefone celular por parte dos dois grupos de idosos. Novamente, observa-se a intersecção dos eixos de desigualdade: o uso de Internet no celular entre os idosos seniores de classe D/E não passa de 2%, enquanto chega a pouco mais de 40% na classe A/B. (FERNANDEZ-ARDÈVOL, p. 30, 2019)

No âmbito acadêmico, Lucca e Vitorino (2018) apontam que as pesquisas nacionais e internacionais sobre a temática da competência em informação em idosos restringem-se com a questão da saúde do idoso. Costa e Zattar (2018) destacam que em meio a tantas publicações, não há um número relevante de estudos sobre as práticas informacionais e a competência em informação como enfoque nas pessoas idosas. Luce, Thomaz e Estabel (2019) apontam que a produção nacional relativa ao tema dentro da área da Ciência da Informação é baixa.

O desenvolvimento de competência em informação é cientificamente reconhecido para a contribuição de que o indivíduo e seu grupo alcancem qualidade de vida, cidadania e liberdade devido ao uso efetivo de recursos informacionais (LUCCA; VIANNA; VITORINO, 2018). Defende-se que estes elementos deveriam ser adicionados aos debates levando em consideração não apenas a academia ou indivíduos economicamente ativos, mas também essas populações comumente esquecidas, como os idosos.

Observa-se nas pesquisas compreendendo a área de competência em informação investigações direcionadas aos estudantes, universitários, professores e profissionais, mas pouco se voltam para grupos como moradores de rua, imigrantes, idosos, privilegiando camadas economicamente produtivas. Os estudos envolvendo a temática aliado ao fator de idade avançada são vistos predominantemente na área das ciências da saúde, através do movimento “health information literacy” (LUCCA; VIANNA; VITORINO, 2018)

Santos, Ribeiro e Sousa (2019) apontam que no Brasil a população idosa aumenta consideravelmente e são cada vez mais ativos e atuantes na sociedade, por isso argumentam a importância de as bibliotecas, em especial as públicas, ampliarem suas estratégias para estimular a interação deste usuário, capacitar os profissionais para atender bem esse público, além de permitir que compartilhem experiências e vivenciem um universo de novas aprendizagens para que sejam acolhidos e incluídos socialmente a partir do acesso efetivo à informação.

É fundamental que pessoas com idade avançada desenvolvam competências para localizar, avaliar, acessar e usar informações. Nesse sentido, o letramento informacional surge como uma opção para a solução do problema uma vez que torna o indivíduo apto a realizar tais atividades de forma independente e eficiente tanto de forma geral, como em ambientes digitais.

A inclusão digital do idoso pode gerar habilidades técnicas e familiarização com as tecnologias da informação e comunicação e, conseqüentemente, poderá resultar em seres ativos socialmente que por sua vez se encontrarão mais abertos ao desenvolvimento da competência em informação, um movimento social que contribui para o desenvolvimento de capacidades essenciais para qualquer indivíduo na sociedade, como a autonomia, a qualidade de vida, a independência e o empoderamento pessoal (VITORINO; RIGHETTO; PACKER, 2019).

Meiros e Fortes (2016) dizem que a inserção do público da terceira idade em ambientes virtuais é benéfica em diversos aspectos: físicos, sociais e psicológicos, pois aumenta as possibilidades de comunicação, conhecimento e lazer. Por isso, idoso tem se inserido nas redes sociais, porém, em diversas situações não possuem competências informacionais necessárias e suficientes para que essa interação ocorra de forma segura, tornando-se um público sujeito aos riscos dos

ambientes digitais, como as notícias falsas e golpes virtuais (LUCE; THOMAZ; ESTABEL, 2019).

Estabel, Luce e Santini (2020) afirmam que essa população é mais vulnerável a acreditar em *fake news*, uma vez que não estão preparados para atuar nos ambientes virtuais que são cada vez mais comuns na sociedade. Eles não são nativos da era digital, por isso, na maioria das vezes, demonstram dificuldades em entender o funcionamento de aparelhos tecnológicos e seus recursos.

Tal problemática se confirmou em 2019 com uma pesquisa realizada por Guess, Nagler e Tucker (apud ESTABEL; LUCE; SANTINI, 2020) em que se constatou que pessoas com idade acima de 65 anos compartilham sete vezes mais notícias falsas do que a população com idade entre 18-29 anos. Isso se justifica, pois:

o declínio psicológico, cognitivo e social que afeta esse público em específico, o que leva a um envelhecimento na memória, gerando uma ilusão da verdade; o segundo ponto seria a necessidade de uma alfabetização informacional, com foco nas competências informacionais em ambientes virtuais para um público que é formado pelos denominados imigrantes digitais. (GUESS et. al., 2019 apud ESTABEL; LUCE; SANTINI, 2020)

Costa e Zattar (2018) diferenciam os refugiados digitais - indivíduos que são privados ou se recusam a fazer o uso das inovações informacionais e aparatos tecnológicos - dos leigos digitais, que são capazes de assimilar o mundo informacional subjetivamente, mas desconhecem as fontes digitais de busca e compartilhamento informacional atuais motivados pela falta de acesso às tecnologias de informação e comunicação e também por hábitos informacionais diferenciados, como preferência por meios tradicionais como jornais, televisão, revistas, entre outros. Os autores apontam na competência informacional como uma possível solução para esta problemática, apesar de não serem alvo frequente do ensino desta prática.

O grupo de idosos é, do ponto de vista científico, interessante uma vez que apresenta características diversificadas quanto à cognição, interação social, mobilidade, condição financeira, entre outros aspectos (LUCCA; VIANNA; VITORINO, 2018). Lucca e Vitorino (2019) apontam ainda que as necessidades

informativos dos idosos são imprevisíveis, ou seja, não se sabe ao certo quais são e quando surgirão. Isso explicita a indispensabilidade desse público ser competente em informação, para que não sejam tão dependentes e passivos socialmente quanto naturalmente já se tornam.

O envelhecimento é um processo de mudanças físicas, psicológicas e sociais no corpo humano, que, ao contrário do que se pensa, provocam o aumento de necessidades de informação (EMMONS, 2004). As perdas fisiológicas e cognitivas dificultam o entendimento e dessa forma, os idosos acreditam que não possuem necessidades informativas, mas elas apenas não são percebidas (WILLIAMSON, 1999). Na verdade, as necessidades desse público estão vinculadas à situação social, política e cultural do grupo. (LUCCA; VITORINO, 2019).

Como exposto, as limitações naturais e humanas que a terceira idade enfrenta atreladas às novas tecnologias cada vez mais complexas e aos ambientes que apresentam excedentes de informações são o cenário perfeito para desestimular o interesse do idoso em fazer o uso das novas tecnologias e suas funcionalidades, apesar do crescente número de novos usuários. O letramento informativo (abordando também o letramento digital) apresenta-se como uma possível solução para que essas pessoas se sintam confortáveis em realizar atividades que hoje são comuns e cotidianas para a população em geral.

O profissional da informação deve entender que a diminuição das capacidades cognitivas e funcionais dos idosos influencia na realização das demais atividades. Nesse sentido, o profissional deve exercer papel de facilitador, incentivador e motivador da aprendizagem além de manter as coisas simples, proporcionando uma menor quantidade de conteúdo de qualidade para maior absorção do indivíduo idoso (MASETTO, 2000; GUST, 2006 apud LUCCA; VITORINO, 2019).

No que tange os aspectos práticos da *information literacy*, o protagonista é o bibliotecário. Gasque (2017) enfoca nos bibliotecários escolares afirmando que esses profissionais devem colaborar para a organização cognitiva do aprendiz através do planejamento de aulas, elaboração de sequências didáticas e estratégias de ensino. Gasque e Fialho (2017) acrescentam que o ensino formal do letramento

informativa requer estruturar os conteúdos de busca e uso da informação no currículo escolar.

Campello (2003) afirma que a competência informativa foi uma bandeira levantada pela classe bibliotecária americana para tirar a biblioteca do estado de desprestígio que se encontrava, logo, o bibliotecário assume função próxima ao do professor encarregado de colaborar juntamente com a escola para além das habilidades tradicionais (localizar e recuperar informações) como por exemplo auxiliar no desenvolvimento de habilidade de pensar criticamente, ler, ouvir e ver.

Assim, a implementação de programas de letramento informativo na área da biblioteca escolar requer a seleção de conteúdos de ensino e escolha de material didático levando em conta as possibilidades propiciadas pelas tecnologias da informação e a atuação dos bibliotecários como instrutores de sessões de formação presencial, tutores de cursos à distância ou de cursos oferecidos pelas bibliotecas, o que torna necessário a aquisição de habilidades pedagógicas (GASQUE, 2016). Dudziak (2003) completa ao dizer que a cooperação entre administradores, bibliotecários, docentes e técnicos é uma das bases para que se desenvolvam programas educacionais voltados para essa temática.

Por outro lado, Almeida (2014) defende que o bibliotecário de referência é o profissional da informação especializado em dar assistência ao usuário por ser não apenas mediador entre esse e a informação, mas também intermediar a aquisição de saberes informativos pelo usuário, que tem lócus nas bibliotecas e nos espaços educativos onde circulam informações.

No entanto, se formos olhar para a atuação do ofício, a afirmativa de Almeida (2014) vale para qualquer realidade, pois todo bibliotecário em algum momento atua como intermediário. Independentemente do contexto ou enfoque de atuação, ele é o profissional responsável por letrar os indivíduos. Segundo Leite et. al (2016) desde 2014 as instituições têm intensificado esforços para a realização de seminários sobre a competência informativa, permitindo a integração de pesquisadores sobre essa temática, assim como em documentos norteadores há um debate provocativo para a área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, mas não se limitando a ela e permitindo a integração de áreas como a Museologia, Arquivologia, Educação, Computação, Psicologia, entre outras.

O profissional da informação exerce a sua missão social ao desenvolver projetos que estabelecem ambientes seguros e acolhedores para a aprendizagem, dentro ou fora do espaço da biblioteca. De forma geral, essas atividades são admiráveis, porém, tornam-se extraordinárias quando abandonam o usuário tradicional e buscam beneficiar uma parcela marginalizada da população como os idosos.

O desenvolvimento de iniciativas voltadas para o letramento informacional e inclusão digital da terceira idade é uma maneira de possibilitar a interação social dessa população, além de ser muito relevante no processo de aprendizagem do indivíduo. O aprimoramento da competência informacional na velhice possibilita superar barreiras sociais, econômicas, psicológicas e educacionais e permite um envelhecimento saudável e inclusivo.

Alguns exemplos dessas experiências encontrados na literatura são relatados por Santos, Ribeiro e Sousa (2019) como o Programa +60 da Biblioteca de São Paulo que é destinado ao público de terceira idade e objetiva potencializar o bem estar e fortalecer o papel na sociedade dessas pessoas. A programação cultural foi desenvolvida especialmente para essa população e conta com espaço físico adaptado e profissionais capacitados para o serviço.

Outro exemplo apontado pelos autores foi a inauguração de uma biblioteca pela prefeitura de Londrina dentro do Centro de Convivência do Idoso. O espaço tem como público alvo e exclusivo a população idosa e conta com o acervo pessoal de Fukiko Okamo, antiga frequentadora assídua do centro que teve seus livros doados pela família após seu falecimento.

O Projeto Estação Memória surgiu como resultado da pesquisa do professor Perrotti, que buscou a retomada dos vínculos socioculturais dos idosos e as suas experiências com gerações mais jovens a partir da coleta de histórias de vidas de pessoas da terceira idade e a apresentação destas em diferentes formatos. A Estação Memória foi implantada em uma biblioteca pública na região de Pinheiros (SP) através de um convênio entre a Universidade de São Paulo e a Prefeitura de São Paulo (PAIVA, 2016).

Paiva (2016) em seu estudo sobre ações internacionais com idosos nas instituições informacionais lista alguns programas em âmbito internacional como o

National Council on Aging nos Estados Unidos que envolve o compartilhamento de habilidades, conhecimentos ou experiências entre os jovens e os idosos. Com base nisso foi escrito pela consultora Rhea Joyce Rubin um manual para a implementação de programas intergeracionais em bibliotecas denominado “*Intergenerational programming: a how-to-do-it manual for librarians*”, em português: Programas intergeracionais: manual para bibliotecários de como implementá-los (tradução nossa).

Ainda nos Estados Unidos, a *American Library Association* produziu o *Guidelines for Library and Information Services to Older Adults* (Diretrizes para bibliotecas e serviços de informação para idosos, tradução nossa) com o propósito de promover em bibliotecas e seus serviços de informação atividades com ênfase na terceira idade. A associação afirma que é necessário que a biblioteca ofereça serviços que atendam ao perfil do indivíduo envelhecido (PAIVA, 2016).

Em Portugal, o projeto Tecnologias de Informação para Netos e Avós (TINA), desenvolvido pelo Instituto Politécnico de Bragança, objetiva promover a aquisição de competências básicas em tecnologias de informação e comunicação, noções básicas de segurança na internet e o fortalecimento de vínculos entre netos e avós. O projeto expôs que as TIC podem ser elementos de aproximação entre gerações e combate ao isolamento social dos idosos (PAIVA, 2016).

A Associação Espanhola para um Envelhecimento Ativo e Socialmente Contributivo desenvolveu o programa *Una Biblioteca para todas las edades* que anseia transformar as bibliotecas públicas, que atualmente são notadamente dedicadas à população infanto-juvenil, em ambientes inclusivos para a terceira idade e promover um ambiente de trocas geracionais, proporcionando um envelhecimento mais ativo e integrado à sociedade (PAIVA, 2016).

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo e técnica de pesquisa

Tripodi, Fellin e Meyer (1975) afirmam que os estudos exploratórios são baseados na ideia de que por meio do uso de procedimentos relativamente sistemáticos é possível desenvolver hipóteses relevantes a um determinado

fenômeno. Sampieri, Collado e Lucio (1991) complementam que esses estudos aumentam o grau de familiaridade com fenômenos pouco conhecidos e servem para obter informações sobre a possibilidade de levar adiante uma investigação.

O presente estudo de caso tem caráter exploratório, uma vez que proporcionou o entendimento sobre a existência de projetos de letramento informacional na população idosa nas bibliotecas públicas das capitais estaduais do Brasil.

Segundo Barbetta (2001) a metodologia quantitativa utiliza dados numéricos para mostrar resultados, enquanto a pesquisa qualitativa é descritiva, ou seja, os dados são subjetivos e analisados individualmente. Decidiu-se por adotar uma metodologia quali-quantitativa na elaboração de um questionário online.

5.2 Unidade de análise

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.98) a população é definida como o universo da pesquisa e consiste na “totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo” e a amostra é conceituada como “uma pequena parte dos elementos que compõem o universo” (p.97). Nesse sentido, a população deste estudo consiste nas bibliotecas públicas brasileiras e a amostra escolhida foram as bibliotecas públicas das capitais estaduais.

5.3 Instrumento de pesquisa

A pesquisa foi realizada por meio de questionário como instrumento de coleta de dados. Foi enviado via e-mail para as bibliotecas públicas das capitais dos estados brasileiros. Os e-mails utilizados foram os disponibilizados pelo portal do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas¹

O questionário constitui-se de 6 questões, sendo duas fechadas e quatro abertas. As questões abrangem identificação da biblioteca, se possuem projeto de letramento voltado para o público idoso, identificação do projeto, se o projeto é

¹ Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em: 29 out. 2021

coordenado por bibliotecários, atividades desenvolvidas e, por fim, se poderiam indicar algum outro projeto voltado para o mesmo público, seja ele dentro ou fora de unidades de informação.

Foi utilizada a ferramenta virtual Google Docs que possibilita a criação de formulários interativos e estruturados. Permite também a fácil visualização dos dados coletados ao fornecer gráficos e tabelas em formato Excel para a análise desses.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

O primeiro envio dos questionários ocorreu em 30 de setembro de 2021, teve um total de 136 destinatários, 21 retornos de e-mails inválidos e 10 respostas. O segundo envio, em 06 de outubro de 2021, somou mais 3 respostas ao número total. Por fim, o último envio em 21 de outubro de 2021 acrescentou mais 6 respostas ao total, finalizando com 19 respostas e obtendo uma média de 16,5% de resposta.

A primeira pergunta da pesquisa questionava o nome e localização da biblioteca. Na tabela abaixo é possível observar as bibliotecas respondentes ordenadas por ordem alfabética de capital:

Tabela 1 – Bibliotecas respondentes

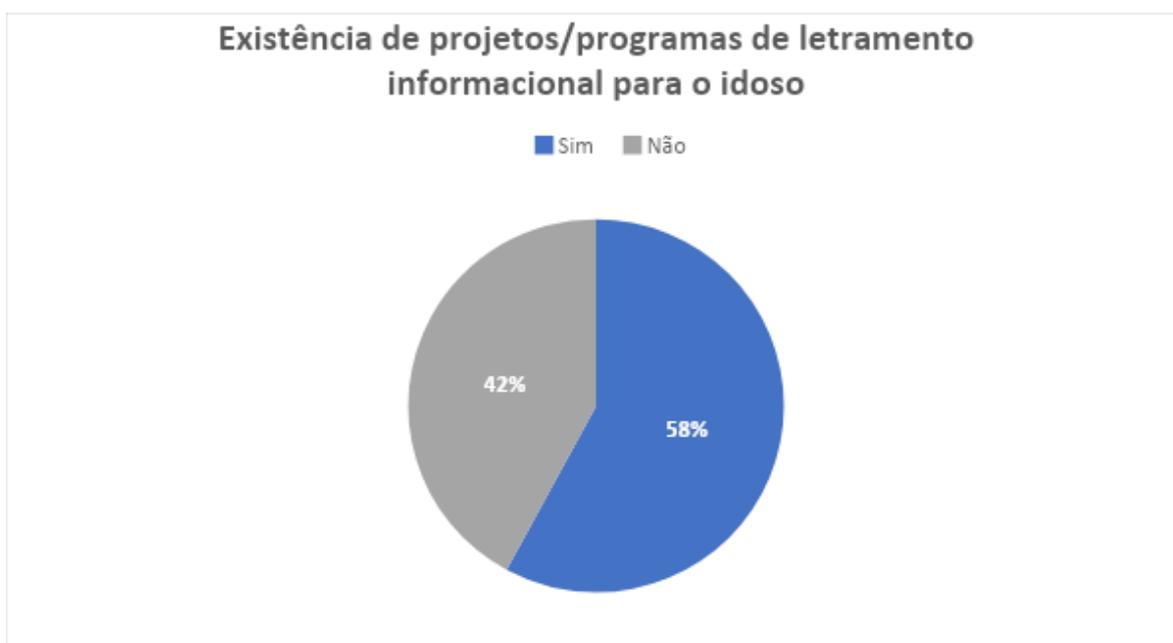
CAPITAL	NOME
Aracaju (SE)	Biblioteca Pública Epiphânio Dória
Belo Horizonte (MG)	Biblioteca do Centro Cultural Padre Eustáquio
Boa Vista (PR)	Biblioteca Delta do Carmo Gouveia
Cuiabá (MT)	Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça
Londrina (PR)	Biblioteca Pública Municipal de Londrina
Maceió (AL)	Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos
Manaus (AM)	Biblioteca João Bosco Pantoja Evangelista

Manaus (AM)	Não identificada
Rio de Janeiro (RJ)	Biblioteca/ Centro de Documentação e Pesquisa EAV
Salvador (BA)	Biblioteca Central do Estado da Bahia
Salvador (BA)	Biblioteca Central da Bahia
São Paulo (SP)	Biblioteca Pública Municipal Brito Broca
São Paulo (SP)	Biblioteca Municipal Paulo Setúbal
São Paulo (SP)	Biblioteca de São Paulo e Biblioteca Parque Villa Lobos
São Paulo (SP)	Biblioteca Pública Gilberto Freyre
São Paulo (SP)	Biblioteca Pública Hans Christian Anderson
São Paulo (SP)	Biblioteca Municipal Álvaro Guerra
São Paulo (SP)	Biblioteca Pública Affonso Taunay
São Paulo (SP)	Biblioteca Anne Frank

Fonte: elaborado pelo autor

A segunda pergunta questionava a existência de programas ou projetos de letramento informacional para o público idoso. A maioria (57,9%) responderam que sim, apesar de que, posteriormente, ao responderem sobre as atividades realizadas no programa, nem todas estão de fato relacionadas ao letramento informacional.

Gráfico 1 – Existência de projetos/programas de letramento informacional para o idoso



Fonte: elaborado pelo autor

A terceira pergunta, por sua vez, buscou identificar os nomes dos projetos nas bibliotecas que responderam sim. Foram listados na tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Nome dos projetos de letramento informacional para o idoso

BIBLIOTECA	CAPITAL	POSSUI PROJETO?	NOME DO PROJETO
Biblioteca Pública Epiphânio Dória	Aracaju (SE)	Não	-
Biblioteca do Centro Cultural Padre Eustáquio	Belo Horizonte (MG)	Sim	Informática para idosos
Biblioteca Delta do Carmo Gouveia	Boa Vista (PR)	Não	-

Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça	Cuiabá (MT)	Sim	Informática básica para terceira idade
Biblioteca Pública Municipal de Londrina	Londrina (PR)	Sim	Contação de histórias para a melhor idade
Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos	Maceió (AL)	Sim	Adote um idoso; Aulas de xadrez; Cordel & Prosa
Biblioteca João Bosco Pantoja Evangelista	Manaus (AM)	Não	-
Não identificada	Manaus (AM)	Não	-
Biblioteca/ Centro de Documentação e Pesquisa EAV	Rio de Janeiro (RJ)	Não	-
Biblioteca Central do Estado da Bahia	Salvador (BA)	Sim	Informática para a 3ª idade
Biblioteca Central da Bahia	Salvador (BA)	Sim	Lê Bairros
Biblioteca Pública Municipal Brito Broca	São Paulo (SP)	Sim	Dança Circular
Biblioteca Municipal Paulo Setúbal	São Paulo (SP)	Não	-
Biblioteca de São Paulo e Biblioteca Parque Villa Lobos	São Paulo (SP)	Sim	Tecnologia dia a dia
Biblioteca Pública Gilberto Freyre	São Paulo (SP)	Não	-
Biblioteca Pública Hans Christian Anderson	São Paulo (SP)	Não	-
Biblioteca Municipal Álvaro Guerra	São Paulo (SP)	Sim	Roda de Leitura

Biblioteca Pública Affonso Taunay	São Paulo (SP)	Sim	Grupo Renascer
Biblioteca Anne Frank	São Paulo (SP)	Sim	Sem nome

Fonte: elaborado pelo autor

Na quarta questão, teve-se o intuito de descobrir se nas bibliotecas que afirmaram a existência de um programa (11), o projeto era coordenado por um profissional da área da biblioteconomia ou de outras áreas. A maioria das respostas (6) foi positiva para a presença do bibliotecário.

Gráfico 2 – Profissional responsável pelo projeto



Fonte: elaborado pelo autor

A pergunta de número 5 procurou descobrir quais as atividades eram realizadas com os idosos por aquelas bibliotecas que sinalizaram desenvolver projeto de letramento no idoso. No entanto, como observado anteriormente, nem todos projetos de fato estão relacionados com o letramento informacional, o que apesar de ter causado surpresa, a princípio, pela maioria confirmar a existência desse tipo de programa para o público da terceira idade, na verdade se mostra como mais uma justificativa para a existência deste trabalho: a constatação da ausência de projetos efetivos de letramento informacional para o público idoso nas bibliotecas

públicas brasileiras. Na tabela abaixo é possível conferir as atividades que são realizadas. Estão sinalizados de vermelho os projetos que **não** são considerados de competência em informação.

Tabela 3 – Atividades desenvolvidas nos projetos

BIBLIOTECA	NOME DO PROJETO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Biblioteca do Centro Cultural Padre Eustáquio	Informática para idosos	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas de informática básica; • Criar contas nas redes sociais.
Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça	Informática básica para terceira idade	<ul style="list-style-type: none"> • Como ligar e desligar computador; • Criar contas nas redes sociais.
Biblioteca Pública Municipal de Londrina	Contação de histórias para a melhor idade	<ul style="list-style-type: none"> • Contação de histórias; • Declamação de poesias; • Indicações de leitura; • Roda de conversa
Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos	Adote um idoso; Cordel & Prosa; Aulas de xadrez	<p>- Adote um idoso:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Parceria com escolas públicas para realizar leituras para idosos. <p>- Aulas de xadrez:</p>

		<ul style="list-style-type: none"> • Aulas de xadrez para usuários idosos. <p>- Cordel & Prosa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Palestras literárias para o público idoso.
Biblioteca Central do Estado da Bahia	Informática para a 3ª idade	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas de informática
Biblioteca Central da Bahia	Lê Bairros	<ul style="list-style-type: none"> • Ações culturais e mediação de leituras em asilos.
Biblioteca Pública Municipal Brito Broca	Dança Circular	<ul style="list-style-type: none"> • Danças coletivas; • Leitura compartilhada.
Biblioteca de São Paulo e Biblioteca Parque Villa Lobos	Tecnologia dia a dia	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas de computação e uso de smartphones.
Biblioteca Municipal Álvaro Guerra	Roda de Leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Clube do livro.
Biblioteca Pública Affonso Taunay	Grupo Renascer	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura, exercícios e palestras para idosos.

Biblioteca Anne Frank	Sem nome	<ul style="list-style-type: none"> ● Encontro de idosos; ● Atividades manuais; ● Jogos; ● Sessões de Lian Gong; ● Atividades culturais; ● Festa de final de ano.
------------------------------	-----------------	--

Fonte: elaborado pelo autor

A última pergunta buscou mapear outros projetos de letramento informacional com o público idoso através de indicações das bibliotecas entrevistadas. Porém, houve uma pluralidade de respostas vagas que não permitiram que os projetos ou dados fossem analisados, assim, decidiu-se por deixá-la de fora desta análise.

7 DIRETRIZES PARA PROJETOS DE LETRAMENTO INFORMACIONAL NA PESSOA IDOSA EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Com base na literatura observou-se a baixíssima quantidade de estudos, pesquisas e projetos sobre o letramento - ou competência - informacional na população idosa. Por outro lado, com base na pesquisa realizada, vê-se quão fraco são os programas existentes, em aspectos quantitativos e qualitativos, havendo uma falta de consonância sobre o que é o letramento informacional e como aplicá-lo no público envelhecido.

Acrescido a isso, em sua pesquisa sobre os desafios para a adoção de tecnologias da informação e comunicação para autosserviços, Vieira e Farias (2022) apontam que as principais dificuldades dos idosos são: dificuldade de aprendizado contínuo, exclusão digital, dificuldades com interfaces tecnológicas, ausência de conhecimento e habilidades para lidar com aparelhos modernos e medos de golpes cibernéticos.

A pesquisa levou em consideração o uso da plataforma governamental Meu INSS, uma central digital para fornecer serviços referentes aos benefícios do Instituto Nacional do Seguro Social e ao constatarem grandes dificuldades e barreiras de acesso a serviços sociais básicos, os autores apontam uma enorme preocupação que é a inserção dessa população em meio digital, uma vez que a tendência é que cada vez mais, mais serviços sejam fornecidos em meio virtual, tanto pela redução de custos, como pela praticidade e agilidade no atendimento.

Os mesmos problemas também foram observados no estudo “Inclusão digital na terceira idade: um estudo sobre a propensão de idosos à adoção de tecnologias da informação e comunicação (TICs)” de Farias *et. al.* (2015), no entanto, também é apontado fatores que contribuem para a adoção e uso das tecnologias por pessoas idosas, são listados o otimismo, a proficiência, a necessidade do uso e o reconhecimento, pelos próprios idosos, que se percebem incluídos no meio digital.

Os idosos têm uma opinião positiva sobre as TICs - como facilitadoras na comunicação, no serviço, na realização de tarefas cotidianas. Porém, muitos dos entrevistados na pesquisa não se sentem confiantes de que são capazes de aprender a usar esses equipamentos ou se sentem vulneráveis quanto à exposição de informações privadas.

Os dados coletados mostraram que ao mesmo tempo em que reconhece a crescente necessidade de utilizá-las, a terceira idade se sente, muitas vezes, inapta a adotar as TICs:

Neste trabalho, o termo competência será associado à aptidão. Logo, os sujeitos que não apresentam ou não percebem essa competência como definida anteriormente, serão considerados como se percebessem a si mesmos como inaptos às tecnologias. (FARIAS *et. al.*, , p.182)

Portanto, fundamentado na literatura levantada, na pesquisa realizada e nos estudos práticos supracitados, observou-se a possibilidade e necessidade de propor diretrizes básicas que devem ser levadas em consideração no planejamento e implementação de projetos de letramento informacional para a população idosa em unidades de informação. A listagem não leva em consideração nenhum tipo de prioridade, sendo todos os fatores igualmente relevantes para o sucesso do projeto:

- **Observar aspectos internos e externos do indivíduo:** as dificuldades individuais como fatores que influenciam no letramento informacional, sejam elas internas (aspectos psicológicos e cognitivos) ou externas (questões econômicas e sociais);
- **Atividades para desenvolver o pensamento crítico:** leitura e interpretação de textos, debates e rodas de conversas sobre variados temas, leitura de notícias nacionais e internacionais e apreciação de obras artísticas e culturais;
- **Presença do profissional bibliotecário:** é o profissional mais qualificado para ensinar sobre necessidades informacionais, assim como a obtenção de informação e avaliação de fontes confiáveis;
- **Criar um ambiente acolhedor:** fazer com que os participantes se sintam seguros e confortáveis para expor suas dificuldades e frustrações;
- **Diversificação de suporte:** fazer o uso de diferentes suportes informacionais - jornais, revistas, livros, *smartphones* e computadores;
- **Curiosidade e aprendizado constante:** estimular os participantes a serem curiosos, explorando ambientes virtuais e saberes desconhecidos, e estarem sempre aprendendo coisas novas, independente do que seja;
- **Colocar em prática e compartilhar os aprendizados:** utilizar efetivamente os conhecimentos aprendidos e até mesmo ensinar para o próximo;
- **Avaliação da fonte informacional:** ensinar o participante a avaliar e escolher suas fontes de informação;
- **Avaliação da informação:** ensinar o participante a avaliar se a informação é de qualidade, confiável e verídica utilizando critérios;
- **Motivação:** trabalhar o comportamento do idoso para que se mantenha motivado a aprender e participar, mesmo apesar das adversidades;
- **Frequência e independência:** estimular que o participante faça buscas e uso da informação frequentemente e de forma independente;
- **Perfil ativo:** sair do perfil passivo de receber informações através de outras pessoas ou meios de comunicação e ter uma posição ativa de busca e compreensão de informações;
- **Impacto social:** refletir que o uso e o compartilhamento de informações têm impacto social e

- **Qualidade de vida:** o acesso e uso das informações e ferramentas de informação proporcionam maior qualidade de vida ao indivíduo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho levantou-se, através de pesquisa bibliográfica, os conceitos de letramento informacional e competência em informação (e suas variações). As buscas utilizaram os dois termos por não se ter um consenso no Brasil sobre o uso das terminologias e por se tratar de um tema emergente. Apesar de terem origem no termo inglês “Information Literacy”, foi possível observar diferenças nos aspectos teóricos e práticos, em que a principal delas é ter no letramento um processo mais pedagógico e neurológico, enquanto a competência é um processo de desenvolvimento de habilidades críticas de busca, análise e uso da informação.

Em compensação, os autores concordam no que tange a importância de ambos os processos para exercer a cidadania, liberdade e uso adequado da informação levando em consideração o impacto social, político e econômico disso, em especial no cenário atual de excesso informacional causado pelo avanço das tecnologias da informação e comunicação.

Concordam também com a priorização do bibliotecário como profissional responsável por essa missão por ser o mais capacitado a ensinar técnicas de busca e acesso à informação, independentemente de fatores internos e externos que afetam o usuário de informação.

No que tange o público de interesse deste projeto, não há um número bibliográfico relevante sobre os seus comportamentos informacionais. Aliado com o aumento considerável da população idosa e sua inserção nos meios digitais, não apenas por interesses próprios, mas por necessidades de acessar serviços e produtos, demonstra-se a relevância desta monografia.

Para que essa população possa interagir com as TICs de forma segura é necessário que mais pesquisas sejam realizadas para entender melhor suas necessidades e comportamentos informacionais. No entanto, além da teoria, é fundamental que ocorram ações práticas de letramento e competência informacional nesse público que é vulnerável, não só por questões sociais e individuais, mas pelo fato de não serem nativos da era digital.

Através da pesquisa realizada, foi possível chegar a duas grandes conclusões: a primeira, de que o conceito e a prática do letramento informacional não são consolidados; os respondentes do questionário não deram respostas coerentes ao que lhes foi perguntado por não terem clareza do significado do termo. A segunda conclusão foi a ausência de programas estruturados para o letramento informacional da pessoa idosa nas bibliotecas públicas das capitais brasileiras.

Por fim, com base em tudo o que foi abordado, viu-se a necessidade de propor diretrizes básicas para projetos de letramento informacional na pessoa idosa em unidades de informação. Esse público, que não tem representatividade na literatura acadêmica e nem em espaços democráticos de informação, tem a necessidade e o direito de ter autonomia e habilidades para buscar, acessar e usar informações seguras e de qualidade, proporcionando independência, qualidade de vida e liberdade para exercer sua cidadania.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. O. Produção nacional sobre letramento e competência informacional information literacy and national production in bibliography. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 19, n. 1, p. 124-134, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/75877>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de; GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Contribuições dos letramentos digital e informacional na sociedade contemporânea. 2017. **Transinformação**, v. 29, n. 2, p. 163-173, 2017. <https://doi.org/10.1590/2318-08892017000200004>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 4. ed. Florianópolis: Ufsc, 2001.
- BAZILIO, A. P. M.; CULTRI, C. N.; GOMES, V. S.; MILL, D. R. S. Letramentos e a educação cts (ciência, tecnologia e sociedade): reflexões sobre a formação de cidadãos críticos na cultura digital. **Informação & Informação**, v. 26, n. 1, p. 186-205, 2021. DOI: [10.5433/1981-8920.2021v26n1p186](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n1p186). Acesso em: 23 ago. 2021
- BELUZZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 60-77, 2014. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/PETBiblioteconomia/a-competencia-e-m-informacao..pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. A. F.; SALDANHA, G. S. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 29, n. 3, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/147938>. Acesso em: 16 set. 2021.
- BOERES, S. A. A. O letramento e a organização da informação digital aliados ao aprendizado ao longo da vida. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 483-500, 2018. DOI: [10.20396/rdbci.v16i2.8651507](https://doi.org/10.20396/rdbci.v16i2.8651507). Acesso em: 17 set. 2021.
- BRISOLA, A. C.; ROMEIRO, N. L. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 68-87, set./dez. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054/1054>. Acesso em: 03 nov. 2021.
- BRISOLA, A. C.; SCHNEIDER, M.; SILVA JÚNIOR, M. J. F. Competência crítica em informação, ética intercultural da informação e cidadania global na era digital: fundamentos e complementaridades. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais eletrônicos...** Marília: UNESP: 2017. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/view/417>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, v. 32, n.3, p. 28-37, 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkq5nXsNBLfv5MBHNm/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 25 out. 2021.

CARVALHO, M. da C.; SOUZA, N. C. R. Letramento literário e mediação da leitura na escola: algumas considerações. In: MOURA, Maria Aparecida (Org.). **Educação científica e cidadania**: abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2012. p. 195-204.

CARTA DE MARÍLIA. In: III Seminário de Competência em Informação: cenários e tendências, 3, 2014, Marília. Disponível em:

https://ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=546. Acesso em: 14 dez. 2022.

NUCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **TIC Domicílios**: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros. 1 ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022. Disponível em:

https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/20221121125504/tic_domicilios_2021_livro_eletronico.pdf. Acesso em 22 fev 2023.

COSTA, E. S. D.; ZATTAR, M. Competência em informação na terceira idade: um estudo da prática informacional. **Biblionline**, v. 14, n. 1, p. 80-90, 2018. DOI:

[10.22478/ufpb.1809-4775.2018v14n1.40031](https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4775.2018v14n1.40031) Acesso em: 20 set. 2021.

DUDZIAK, Elizabeth Adriana. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.**, v. 32, n. 1, p.23-35, 2003. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016/1071>. Acesso em: 18 ago. 2021.

EMMONS, K. Review of literature: the information needs and information seeking behavior of older adults. **Drexel university information resources and technology**, 2004. Disponível em: <http://www.pages.drexel.edu/~kje26/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ESTABEL, L. B.; LUCE, B. F.; SANTINI, L. A. Idosos, fake news e letramento informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 16, p. 1-15, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136587>. Acesso em: 28 jul. 2021.

FARIAS, J. S, et. al. Inclusão digital na terceira idade: um estudo sobre a propensão de idosos à adoção de tecnologias da informação e comunicação (TICs). **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 15, n. 3, p.164-188, 2015. Disponível em:

<http://revistagt.fpl.edu.br/get/article/view/776>. Acesso em: 5 jan. 2023.

FERNÁNDEZ-ARDÉVOL, MIREIA. Práticas digitais móveis da pessoa idosa no Brasil: dados e reflexões. **Panorama setorial da Internet**, n.1, p.27-33, 2019.

Disponível em:

<https://cgi.br/media/docs/publicacoes/3/14233620190926-revistabr-ano-10-2019-edicao16.pdf>. Acesso em 22 fev. 2023.

GAMA, Ana Claudia Soares Cavalcante. **Competência informacional: aprendizado individual ao longo da vida**. 2013. 509 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)–Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GASQUE, K. C. G. D. Comportamento, letramento informacional e pesquisas sobre o cérebro: aplicações na aprendizagem. **Inf. Pauta**, v.2, número especial, 2017.

Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20649/31062>. Acesso em: 16 set. 2021.

GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ci. Inf.**, v. 39, n.3, p.83-92, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/9L8b38v48WBQSQVRX63BMsw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2021.

GASQUE, K. C. G. D. Competência em informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 2, n. 1, p. 5-9, 2013. DOI: [10.5380/atoz.v2i1.41315](https://doi.org/10.5380/atoz.v2i1.41315) Acesso em: 16 set. 2021.

GASQUE, K. C. G. D.; FIALHO, J. F. Letramento informacional e currículo. **Ponto de Acesso**, v. 11, n. 2, p. 70-89, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/12265>. Acesso em: 23 ago. 2021.

GASQUE, K. C. G. D. Metacognição no processo de letramento informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. Especial, p. 177-195, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1319>. Acesso em: 23 ago. 2021.

GASQUE, K. C. G. D. Objetos de aprendizagem para o letramento informacional. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 9 No 2, n. 2, p. 387-405, 2016. DOI: [10.26512/rici.v9.n2.2016.2418](https://doi.org/10.26512/rici.v9.n2.2016.2418) Acesso em: 23 ago. 2021.

GASQUE, K. C. G. D.; CUNHA, M. V. A epistemologia de John Dewey e o letramento informacional. **Transinformação**, v. 22, n. 2, p.139-146, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/tNb3H8HWyYmCMTKRj8pvcmQ/?lang=pt#>. Acesso em: 18 ago. 2021.

GASQUE, K. C. G. D. TESCAROLO, R. Desafios para implementar o letramento informacional na educação básica. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n.1, p. 41-56, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/J6TnBv6q3Bx3qHwY8TymVmh/abstract/?lang=pt#:~:text=Entretanto%2C%20para%20se%20colocar%20plenamente.curr%C3%ADculo%20e%20a%20aus%C3%Aancia%20de>. Acesso em: 22 out. 2021.

GASQUE, K. C. G. D. O papel da experiência na aprendizagem: perspectivas na busca e uso da informação. **Transinformação**, v. 20, n. 2, p.149-158, 2008.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/k5pLhxFqsqyxJ63QLFJH6Hz/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ACESSO à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. IBGE, 2021. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/17270-pnad-continua.html?edicao=34949&t=resultados>. Acesso em 22 fev. 2023.

IFLA. **Information Literacy Section**. Disponível em:

<https://www.ifla.org/units/information-literacy/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

LEITE, C.; SIMEÃO, E. L. M. S.; NUNES, E. M. A.; DIÓGENES, F. C. B.; FERES, G. G.; FREIRE, I. M.; BELLUZZO, R. C. B. Cenário e perspectiva da produção científica sobre competência em informação (coinfo) no brasil: estudo da produção no âmbito

da ancib. **Informação & Sociedade**: Estudos, v. 26, n. 3, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91349>. Acesso em: 16 set. 2021.

LUCCA, D. M.; VITORINO, E. V. Competência em informação e necessidades de informação de idosos: o papel do profissional da informação nesse contexto. **Informação & Informação**, v. 24, n. 1, p. 458-483, 2019. DOI: [10.5433/1981-8920.2019v24n1p458](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2019v24n1p458) Acesso em: 28 jul. 2021.

LUCCA, D. M.; VIANNA, W. B.; VITORINO, E. V. . “A Competência Em informação De Idosos: Contribuições Da Literatura”. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, vol. 12, nº 4, dezembro de 2018, p. 32-44, doi:[10.36311/1981-1640.2018.v12n4.05.p32](https://doi.org/10.36311/1981-1640.2018.v12n4.05.p32). Acesso em: 17 out. 2022

LUCCA, D. M.; VITORINO, E. V. A dimensão política da competência em informação de idosos: em busca de princípios. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102367>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LUCE, B.; THOMAZ, R.; ESTABEL, L. Os idosos como imigrantes digitais e o acesso e uso das tecnologias digitais de informação e das redes sociais. **Biblionline**, v. 15, n. 4, p. 104-115, 2019. DOI: [10.22478/ufpb.1809-4775.2019v15n4.53531](https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4775.2019v15n4.53531) Acesso em: 23 ago. 2021.

FEBAB. Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação. *In*: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 24, 2011, Maceió. Disponível em: http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf. Acesso em 14 dez. 2022.

FEBAB. Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as populações vulneráveis e minorias. *In*: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 25, 2013, Florianópolis. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4554>. Acesso em 14 dez. 2022.

MEIRELES, Silmara Lúcia; FORTES, Renata Costa. Os benefícios da internet na vida de idosos do município de Luziânia-Goiás. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, Goiás, v.5, n.2, p. 117-123, 2016. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/263/136>. Acesso em: 12 mar. 2022.

ORELO, E. R. M.; VITORINO, E. V. Competência informacional: um olhar para a dimensão estética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 4, p. 41-56, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36802>. Acesso em: 20 set. 2021.

PAIVA, S. B. Ações intergeracionais: a resignificação do idoso nas instituições informacionais. **Informação@Profissões**, v. 5, n. 1, p. 75-93, 2016. DOI: [10.5433/2317-4390.2016v5n1p75](https://doi.org/10.5433/2317-4390.2016v5n1p75) Acesso em: 29 set. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Universidade Feevale: Novo Hamburgo, 2013. Disponível em: <http://feevale.br/Comum/midias/8807f05a14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2022.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de la investigación**. México: McGraw-Hill, 1991

SANTOS, R. R.; RIBEIRO, I. C.; SOUSA, A. C. M.; SOUSA, A. C. M. A biblioteca pública como ambiente de mediação da informação para o usuário da terceira idade. **Informação & Informação**, v. 24, n. 1, p. 442-457, 2019. DOI: [10.5433/1981-8920.2019v24n1p442](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2019v24n1p442) Acesso em: 17 jan. 2023.

TREIN, J. M.; VITORINO, E. V. A evolução da temática competência informacional no brasil: um estudo bibliográfico no período de 2006 a 2013. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 11, n. 2, p. 190-210, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1536>. Acesso em: 17 set. 2021.

TRIPODI, T.; FELLIN, P.; MEYER, H. **Análise da pesquisa social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

VIEIRA, J. E. C.; FARIAS, J. S. Desafios da adoção de TIC por idosos para a realização de autosserviço: um estudo sobre a adoção da plataforma Meu INSS. *In*: XLVI Encontro da ANPAD, 2022. Disponível em: <http://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/118bd558033a1016fcc82560c65cca5f.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2023.

VITORINO, E. V. Análise dimensional da competência informacional: bases teóricas e conceituais para reflexão. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 9 No 2, n. 2, p. 421-440, 2016. DOI: [10.26512/rici.v9.n2.2016.2420](https://doi.org/10.26512/rici.v9.n2.2016.2420) Acesso em: 17 set. 2021.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/NvH6pxqHKCtpWMw6SQR7c8J/?format=pdf&lang=em>. Acesso em: 16 set. 2021.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, v. 40, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1328>. Acesso em: 16 set. 2021.

VITORINO, E. V.; RIGHETTO, G. G.; PACKER, C. R. P. P. Competência em informação de idosos. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 17, n. 2019, 1903. DOI: [10.20396/rdbci.v17i0.8655804](https://doi.org/10.20396/rdbci.v17i0.8655804) Acesso em: 28 jul. 2021.

WILLIAMSON, K. The role of research in professional practice: with reference to the assessment of the information and library needs of older people. **Australasian Public Libraries and Information Services**, s/l, v. 12, n. 4, 145-153, 1999. Disponível em: <http://researchonline.ljmu.ac.uk/id/eprint/4953/1/DX204393.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2022.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO: AÇÕES INTEGRATIVAS EM INFORMAÇÃO NAS BIBLIOTECAS COM O PÚBLICO IDOSO

Sou Victor Carvalho, estudante de Biblioteconomia na Universidade de Brasília.

Em celebração ao Dia Mundial do Idoso que acontece dia 01/10/2021 e como contribuição para meu trabalho de final de curso de Biblioteconomia cujo tema é LETRAMENTO INFORMACIONAL NA POPULAÇÃO IDOSA estou aplicando o questionário.

Sua contribuição é de grande importância para diagnosticar as atividades desenvolvidas em prol da terceira idade por bibliotecários.

Este questionário leva em média 5 minutos.

Desde já agradeço pela sua atenção e participação!

QUESTÃO 1

Qual o nome e localização da biblioteca?

QUESTÃO 2

Há na sua biblioteca algum programa/projeto voltado para o letramento informacional do público idoso?

Sim

Não

QUESTÃO 3

Qual o nome do programa/projeto?

QUESTÃO 4

Quem coordena o projeto?

Bibliotecário

Outro profissional

QUESTÃO 5

Quais as atividades desenvolvidas?

QUESTÃO 6

Você poderia indicar outros projetos/programas já existentes que buscam a competência em informação do idoso?